

O PALÁCIO DA FRONTEIRA (*)

para Dom Fernando Mascarenhas

*Y pues representaciones
es aquesta vida toda.*

CALDERÓN DE LA BARCA

Bem fica o Palácio
na fronteira sempre
limite nenhum.
Quais doges oculta
atrás da fachada
embora em Lisboa.
Monumento feito
em torno de um sopro,
o sopro dos séculos
dezessete ou oito,
cenário e total
lavra de visagens
engenho, revela
matérias, o mármore
estrutura e pele.

Também deste tempo
o papel de Bela
pelos corredores,
ao sol, sem cavalos,
registro dos astros;
Regina Chulam,
autora de espiras,
Antonio e Fernanda
a montar inéditas
máquinas de ver –
aquela pintora,
os dois escultores;
marquês Dom Fernando,
portador da frase,
quebrada insurgência
por mínimo dado.
Presenças da hora
mas já no Palácio.

Sim estes, os vivos,
sim eles a lenda.

Resistem os dados
e a escada uma idéia
ao alcance do uso.
Ficam não por sobra,
a cadeira, exemplo
das potências aéreas
com entalhes, curvas,
mostra-se possível
mutação idêntica
nessas outras mãos
mas tão impossíveis
quanto as outras, antes,
de acender a treva
dos objetos, facho.
Sejam azulejos,
sejam mesmo as árvores
apesar da seiva
reinem pelo inerte,
impõem-se madeira.
O triunfo das mãos
ocorre nas chaves.
Perdem-se depois
no se abre da porta.

A entrada na sala
se faz com quebranto.
Toda a maravilha
está em exercício
neste espaço aberto
à vera aparência
das coisas, dos homens,
jogo apenas, brilho
de mármore sobre
nada, apenas cor
que desmente a pedra,
coloca-se jóia.

Contato de pedra
e carne se proíbe
nas grandes pirâmides.
Tom universal
sustenido aqui,
certamente não
por causa da frágil
textura das tintas,
das louças, dos véus.
A causa se explica
pelo natural,
a mão ao passar
assombra essas coisas
como assombra o lápis.

Capital do feudo
entregue ao Marquês,
título que oscila
de sombra até sombra.
Entidade vaga
à espera dos próximos
ombros sobre os quais.
Honrar Dom Fernando,
o nome da hora
em seu aparente
passar pelos móveis,
pórticos, o salão
estar sem estar.
Propriamente extar.

O globo à direita,
lavratura em pórfiro,
irradia os veios
por todas paredes,
cinema do imóvel
armado em azuis,
rosicler ao fundo,
no barro, na base,
a mão de Veneza,
mas essa janela
se quer mais janela.
Paisagem se não.

Veremos jardins,
os jogos florais,
frutas condessas,
os arcos, miradas
paradas passando
terceira parede
recorte de vistas
em verds a flux.
Velázquez expõe,
conjuga o velar
da composição:
amorfas Meninas,
a síntese grande
de todas as peças,
conjunto de luzes
filtradas, retinas
ou raios cruzados
no dentro no fora
terceiras paredes.

Conquanto a miragem
deste palco afeito
a quaisquer miracoli
refuncione cenas,
as cores palpáveis
em lábios palavras
a raça da rosa
se mostra no toque
encarnado, rosa.

Entre se faz ilha,
o quadro no fixo,
esquina obrigando
a volta em bemol.
Na disposição
de cores a face
duplica-se ao toque.
Nobre, ovalado,
o gesto persiste

de um ato, se faz
mão, algo de chama
no jeito, são olhos
côncavos, de dentro
corridos, são prismas
de terra os olhos,
têmpera no aspecto
cristal desta tela
que prestes ao fogo.
(Domenikos Dom.)

Comício do cômico
manchado de cósmico
no branco azulejo:
guerreiros ingleses
brandem os fuzis
tal qual se tacapes
contra os inimigos.
Foi-se a munição,
suspeitam os pósteros –
compõe-se o real,
cobrou seu tributo
igual Prometeu
na farpa do abutre.

Quantos bricabraques
aqui se acumulam,
projeto de rosa
ou pagode em chamas
de arquiteto isentas,
esta obra restante
após o tremor.
Mesmo Behemot
olhar basilisco
ficou cego diante,
esteve em limites:
dálías, araucária,
oito palimpsestos
guardados em branco
frente ao mau officio.
Arriscar o olho
telescópio desta

loggia para o céu,
entanto o Zodíaco
plantado no chão
reflete intenções.
Entre elas observas
danações e júbilos
de fazer, poiésis,
matéria pra deuses,
que em cacos os homens
pretendem apenas
voltar ao banquete
com o mero rei.

Portal da capela
a mulher, à mão,
o seio oferenda
ao sátiro, bode
que ri com a mão
no chifre terceiro.
Ela se recolhe,
mas ele se expande
todo traço torto.
Assim permanecem
somente azulejo,
entretanto cantam.

Estátuas caem,
calcanhar de Aquiles
no metal impuro.
Construídas de ar,
quedariam no ar
se bem, por acaso,
há nesse mergulho
talvez negação
do salto suposto,
caem para o sol.

O Mar Tenebroso
termina varado

pela quilha pássaro.
Mas o verde ameaça,
confusão de escuros.
Escorre uma gosma
e conquista o ar.
Tracemos limites
com alvo no pássaro –
que ele voe, insista
até o fim do nada
guardado em estrelas,
gazal de artificios.
E o medo se inscreve
na floresta presa
redor do Palácio.

A Casa do Fresco
seria ante-sala
a própria do inferno.
Imagens de fados
seguram a abóbada,
gemidos, desmaios,
o vento não guarda.
Seu sopro dourado
ali se congela
desfeito, vazia
cópia sem carbono.
Mais que azul, azougue.

Ouro dos Brasis
e o lenho de lei,
fumaça que expele
o riso de Antonio
José, um judeu,
ou flor das fogueiras
remota brotando
um bailar minuetos.
A chuva de ferro
retalha com dentes
a tela tão limpa,
só fina ferrugem.

A invenção da América,
com índios, pois não,
a feitura de Áfricas,
desmanche em pastel
por minúcia china
mais ópio de Flandres.
São metamorfoses
e clássicas: o homem
tentáculos, árvore,
o seio em garras.
Neste salão pleno,
escada do lado
por onde flui, fonte,

(a) voz da moça Bela,
rumor do Alentejo.
Fala por três bocas
para entendimento.
Gárgula diríamos
aos climas exposta,
capaz de torcer
a palavra oiro
pra trazer à baila
os urros da arena.
Um touro insinua
a percorrer, olhos,
frisos, douraões,
a fúria do tédio
de toda Penélope
a borrar sentidos:

a falsa janela,
metáfora do olho
como este salão.
Enxerga-se aqui
deslumbre dos cegos,
maçã no saber
somente a si própria
ficamos no aquém.

Cecília Meireles –
factora de teias,
repente no espaço,
um vôo sem pacto –
Cecília Meireles,
apenas a prosa
do nome da praça
em que Bela, moira,
ao tempo Regina
labora espirais
ou o labirinto
presente, habitam
Antonio e Fernanda
armadores do ovo,
vanguarda nas artes
da farra barroca.
Redondos, vulgívagos,
alguns caracóis.

(*) Anotação para uma hipótese de mapa

O Palácio, feudo do marquês de Fronteira: cavalos e flechas em campo branco, a maçã amadurece sem perspectiva, horizonte plano como céu noturno pintado numa tábua de mão única.

A obra, se quisermos vê-la por lente isolada, remonta ao século 17. Ao longo do terremoto assiste não intacta (o trabalho da ruína, versão da borracha no papel, do corrigir rumo ao acabamento de ovo, sinal crustáceo das trincas?) no Largo de Benfica, número 1, Lisboa.

A fachada italiana, o pátio, depois muros circundam o bosque, amplitude fechada. Como a Casa da Água, experiência do frio em tônica contração, mares e rios se expandem. Caberia um barco no Templo das Artes. A do ofício poético corrigiríamos de lugar, para o lado do espelho d'água, sim, os rastros do Zodíaco ao alcance no súbito painel de areia, na água de nuvens. Contemplar a cena nos olhos da deusa, deste ponto, refazer escalas, referências, por exemplo, a porcelana quebrada após o jantar real, os cacos formam agora o banquete numa constelação de estilhaços, o firmamento daqueles nichos, zodíacos próprios, doze as citações de Velázquez, o hípico – seria Velázquez azul dobrado em vermelho, azul? Dentro a coleção de retratos – El Greco – uns iguais aos outros quase peixes na semelhança líquida

voltada para o sol,
o que oculta de si

uma piscina tendo
ao lado outra piscina

o olho d'água dos peixes,
cada peixe só um olho –
piscinas paralelas
guardam cristais, o sol,
se aquário, também olho:

Movem-se os personagens: Antonio e Fernanda, artistas dos ventos nos quais labutam a forma, habitam uma das dependências do Palácio, assim como Regina Chulam, de origem israelense-brasileira,

pinta espirais,
ninguém as toca
sem o mover
lunar, redondo,
da juba em fogo

assim como este aviso à entrada da pirâmide (entrada para desvios e armadilhas até o vazio construído para receber o faraó em seu estojo de ouro, qualquer sinônimo, da soma do suor se perto da gota de uma vela o brilho, portanto precioso vazio virtualidade, anterior e posterior ao seu usuário de ocasião): don't touch – no deserto, resto ou herança das cabras.

Personagem X: Antonio José (da Silva), o Judeu, nascido no Rio de Janeiro, Brasis. Poeta gracioso assassinado, como se algo se suicidasse, nas fomalhas metateatrais da inquisição em Lisboa. Contemporâneo do esplendor do Palácio.

Esta outra: Bela, alentejana de vogais implícitas – desequilíbrio, eclipse das cores? – guia das fronteiras. “Isto era uma praça de touros mesmo”, disse ao apontar a arena, palco de horizontes circulares (ao olho coletivo da mosca horizonte, singular?) que se tornou pátio interno da ala de hóspedes do Palácio, arena onde

gente agora, no geral,
em busca de imponderáveis,
como uma aranha a leveza
concreta da teia brusca.

Cecília Meireles, poetisa luso-brasileira. Silver and black, Fernando Pessoa teria evitado vê-la por causa de indisposição (a ordem dos fatores alterará o) na rede dos astros – testo, azulajo a menos, diria o poeta luso-brasileiro Fernando Paixão.

Perdeu-se num desastre
de agenda ou de esquina

a chance da palavra
que chama se fizesse
a gema do presente.

C.M., nome de rua ou parte da praça do mercado de frutas em Benfica (primeiro
e último rascunho ininteligível).

Web in progress the work
ao noturno do céu, se semelhante
pintado numa tábua de mão única.

Lisboa, set. 95, São Paulo, jan. 96

MOACIR AMÂNCIO